

Almeida, Maria Antónia Pires de, Conceição Andrade Martins (2002), “Maquinista”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 222-225. ISBN: 972-774-133-9.

Maquinista.

Grupo: Trabalhadores.

Variantes: Azeitador, Maquinista, Na máquina, Serralheiro.

O aparecimento desta categoria na actividade agrícola data do último quartel do século XIX e está directamente ligado com a introdução e a difusão da debulha a vapor nos campos do Sul do país, uma vez que, tal como as locomotivas, também aquelas máquinas exigiam a atenção constante de um operário especializado, geralmente com antecedentes na área da serralharia (ver **serralheiro***).

A partir da viragem do século XIX, o maquinista passou, assim, a ser uma figura constante da grande lavoura, muito embora com o decorrer do tempo o seu trabalho tenha tendido a ser desempenhado preferentemente por trabalhadores eventuais, proprietários das suas próprias máquinas (tractores, ceifeiras debulhadoras, etc.) e contratados ao dia (ver **Alugador de máquinas***), do que por trabalhadores permanentes com máquinas da exploração.

O grande desenvolvimento que conheceu a mecanização da agricultura na segunda metade do século XX conduziu também à divisão e especialização de tarefas, passando a distinguir-se os que as conduzem – tractoristas – dos que as consertam – mecânicos. O maquinista podia ter como ajudante um *Azeitador de máquinas agrícolas*, categoria encontrada nos censos em 1940. Este tinha a responsabilidade de lubrificar as máquinas com azeite ou outro óleo.

Em 1911 dizia-se na Ilustração Portuguesa: “A máquina matou a poesia do campo” e hoje os “seus silvos” atroam pelas campinas e o seu ruído quebrou a paz, fez calar a “voz dos **boieiros***”, acabar com as “melopéas com que falavam aos bois e já segando por mais rápidos processos mecânicos, já debulhando o trigo, o aspecto é inteiramente outro”. Embora se encontrem ainda pequenos lavradores que continuam a utilizar o processo primitivo, nas grandes lavouras é a máquina que faz as debulhas mais opulentas, “é a máquina que se instala no meio do eirado vasto com o seu maquinista vestido de ganga, num contraste com as camisas berrantes do trabalhador rural”. De

facto, esta transformação foi marcante no início do século XX, com a introdução das debulhadoras fixas nas maiores lavouras, sobretudo no centro e sul do País. No entanto, foi a partir dos anos 1950 e 1960 que se assistiu ao maior surto de mecanização da agricultura, devido ao incentivos previstos no IIº Plano de Fomento (ver **Alugador de máquinas***).